



HORROR NO RIO DE JANEIRO

Mãe e filhos mantidos em cárcere por 17 anos

Luiz Antonio Silva aprisionou a família dentro de casa, em Guaratiba. Dois jovens adultos pareciam crianças de tão desnutridos

» FERNANDA STRICKLAND

PMRJ/AFP



Ao entrarem na casa onde a mulher e os filhos estavam cativos, encontraram as camas sujas em que ficavam amarrados e repletas de trapos

A Polícia Militar do Rio de Janeiro prendeu, na última quinta-feira, Luiz Antonio Santos Silva por manter, por 17 anos, a mulher e dois filhos em cárcere privado, numa casa em estado precário de conservação, em Guaratiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). As vítimas viviam em meio a sujeira e foram encontradas desnutridas e desidratadas. O homem era conhecido na vizinhança pelo apelido de “DJ”, pois, habitualmente, colocava música em altos volumes para abafar as agressões físicas que praticava e, também, pedidos de socorro.

Os agentes do 27º BPM chegaram à casa por meio de uma denúncia anônima e resgataram a mãe e os filhos. Em depoimento aos investigadores da 43ª delegacia de Polícia Civil, a mulher de Luiz Antonio relatou que ele sempre a ameaçava e dizia que “se você for embora, só sai daqui morta”.

No depoimento, a mulher pediu medida protetiva para ela e os dois filhos. Vivendo com o agressor há 23 anos, contou, ainda, que durante esses 17 anos em que foi mantida cativa, tentou se separar de Luiz Antonio várias vezes, mas a tortura psicológica e as agressões que praticava a deixavam com medo.

Ela disse também que os filhos, um rapaz de 19 e uma jovem de 22 anos, eram acorrentados e amarrados, e jamais frequentaram a escola por proibição de Luiz Antonio. Relatou, ainda, que chegavam a ficar três dias sem se alimentar.

Ao serem levados para atendimento no Hospital Municipal Rocha Faria, em Campo Grande — também na Zona Oeste carioca —, vizinhos ficaram chocados ao verem os dois, que, apesar de serem adultos, aparentavam serem crianças em torno dos 10 anos de idade. Além disso, estavam tão enfraquecidos que mal conseguiam se manter de pé.

“Vimos o estado das duas crianças que saíram daqui. Mais uma semana e acho que não iriam sobreviver. Ela (a mãe) está sem conseguir falar, se expressar,

até pela fraqueza”, disse uma mulher que acompanhou o resgate.

Advertências

A violência de Luiz Antonio contra a própria família era conhecida dos vizinhos, que, conforme disseram, alertaram o conselho tutelar para a situação dos jovens. Também denunciaram as condições em que os quatro viviam, mas as autoridades não tomaram qualquer providência.

Para tentar diminuir a brutalidade a que eram submetidos, a mulher e os dois filhos eram alimentados sem que Luiz Antonio soubesse. Mesmo assim continuavam famintos. “A menina pegou uma banana e comeu com casca e tudo. Ela estava com muita fome”, disse um vizinho, que ofereceu a fruta no momento em que os jovens eram levados para o Rocha Faria.

Segundo outro homem que morava próximo, Luiz Antonio não era conhecido apenas por

PMRJ/AFP



Na cozinha, um fogão imundo e frascos com água imprópria para consumo

colocar a música em altos volumes, mas, também, por intimidar a vizinhança. “É um cara forte, fala grosso. Simplesmente ficava aí

dentro, ligava o som alto. Tinha uma aparelhagem grande aí dentro, parece que para abafar o que estava acontecendo. Sabia que

tinha duas crianças, mas nunca as vi. Fui vê-las com o Samu”, contou.

Estado precário

A saúde da mulher e dos dois jovens é considerado delicado, embora estável. A Secretaria Municipal de Saúde, por meio de nota divulgada ontem, destacou que “os três pacientes apresentam quadro de desidratação e desnutrição grave”. “Eles já foram estabilizados e estão recebendo todos os cuidados clínicos necessários, além do acompanhamento dos serviços social e de saúde mental”, informou a pasta. Os três também estão sendo acompanhados por representantes dos serviços social e de saúde mental do município.

Se for considerado culpado pela Justiça, Luiz Antonio responderá por sequestro ou cárcere privado, crime de tortura, vias de fato e maus-tratos. O inquérito sobre o caso deve ser encerrado em 10 dias.

Histórias brutais

» Caso Natascha Kampusch, Áustria, 2006 — Foi raptada, em 1998, em um bairro de Viena, quando tinha 10 anos e ia para a escola. Fugiu em 2006 e o homem que a mantinha em cativeiro, Wolfgang Priklopil, suicidou-se na mesma noite.

» Elisabeth Fritzl, Áustria, 2008 — Por 24 anos, foi mantida em cárcere privado por Josef Fritzl, no porão de casa, na cidade de Amstetten. No confinamento, era estuprada pelo próprio pai e dele teve sete crianças.

» Amanda Barry, Gina de Jesus e Michelle Knight, Estados Unidos, 2013 — As três foram raptadas por Ariel Castro, em Cleveland, Ohio. Aprisionadas, sofreram espancamentos e estupros. Ficaram muito tempo sem ver a luz do sol e habitualmente eram amarradas e acorrentadas. O homem que as manteve em cárcere privado foi condenado à prisão perpétua, porém foi achado morto na cela que ocupava.

» David e Louise Turpin, Estados Unidos, 2018 — O casal manteve os 13 filhos encarcerados por anos na casa em que viviam em Perris, Califórnia. As crianças e jovens eram acorrentados ou amarrados às próprias camas, alimentados uma vez por dia, um por vez e em silêncio. Nem sempre era permitido que fossem ao banheiro. David e Louise foram considerados culpados por 14 acusações, que iam desde tortura a crueldade infantil.

VARÍOLA DOS MACACOS

Saúde compra 50 mil doses de vacina, que vêm em setembro

» TALITA DE SOUZA
» HENRIQUE LESSA

O Brasil registrou, na última quinta-feira, a primeira morte pela varíola dos macacos. Trata-se de um homem — cujo nome não foi divulgado —, de 41 anos, morador de Uberlândia (MG) e que estava internado no Hospital Eduardo de Menezes. Além disso, era um paciente imunossuprimido em decorrência de um tratamento oncológico.

Por conta do primeiro óbito, o Ministério da Saúde anunciou, ontem, medidas para evitar que a infecção avance — de acordo com a pasta, foram registrados 1.066 casos. A principal delas é a compra de 50 mil doses da vacina Imvanex, aprovada pela agência europeia de medicamentos

(EMA) na semana passada, e que apresenta eficiência no combate ao vírus.

Segundo Arnaldo Medeiros, secretário de Vigilância em Saúde do ministério, a compra dos imunizantes será por meio de um consórcio de países liderado pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). O Brasil deve receber dois carregamentos e as primeiras doses chegam em setembro. A vacinação, porém, estará restrita aos profissionais de saúde que tenham contato direto com os infectados.

O ministério anunciou, ainda, a criação de Centro de Operação de Emergências (COE), que deve tratar de forma mais ágil a resposta ao surto de infecções. Seguirá modelo semelhante ao

Ascom/MS



Medeiros ressaltou que os imunizantes serão para os profissionais de saúde em contato com a doença

adotado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que criou a Comissão Técnica de Emergência Monkeypox — nome britânico para a vacina dos macacos — para coordenar a análise de pesquisas clínicas, autorizar a

importação de insumos e liberar medicamentos e vacinas para a rede pública.

Preconceito

Medeiros observou que,

estatisticamente, há um predomínio de casos entre homoafetivos masculinos, mas ressaltou que esse é apenas um dado epidemiológico. Essa questão foi trazida por Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização

Mundial de Saúde (OMS), que em recente entrevista sugeriu a redução no número de parceiros sexuais para minimizar o contágio e a transmissão.

No entanto, tal observação acendeu o alerta em especialistas de saúde e representantes dos grupos LGBTQIA+ sobre o risco de, mais uma vez, serem estigmatizados. Para a infectologista Joana D'Arc Gonçalves, do Centro Especializado em Doenças Infectocontagiosas (Cedin), a observação do diretor-geral da OMS abriu um perigo presente.

“O que existe é um comportamento de risco. No caso aqui, é o contato íntimo, que não está relacionado a uma opção sexual ou a determinado grupo. Essa forma de transmissão pode ser feita por todos, não apenas homens que fazem sexo com homens. Além disso, essa via sexual é apenas uma das formas de transmissão, não é exclusiva”, alerta.